

PERFIS

WALNICE NOGUEIRA GALVÃO

Universidade de São Paulo

Resumo

Na obra de Antonio Candido, a toda hora repontam retratos de pessoas que conheceu – e até, em alguns casos, que não conheceu. Essa fina arte retratística brinda tanto intelectuais de alto relevo na esfera da cultura e do pensamento, quanto militantes políticos ou pessoas cujos rastros se esfumaram. O jogo entre memória, reminiscência e exemplaridade, embora discreto, traz importantes questões para primeiro plano.

Abstract

Here and there, all over Antonio Candido's work, we find many profiles of people: people he knew, or even people he did not know at all. This fine art of the portraiture celebrates not only influential intellectuals in the sphere of culture and thought, but also to political activists and to obscure people whose traces are dim. The interplay among memory, remembrance and exemplarity, though a discreet one, brings up many relevant questions.

Palavras-chave

Retrato;
Crítico literário;
Memórias;
Reminiscências;
Moralistas
franceses

Key words

Portrait;
Literary
critique;
Memoirs;
Reminiscences;
French moralists

Estes perfis, embora não passem longe das *Vidas* de Plutarco, decorrem talvez mais das leituras de adolescência, sobretudo La Rochefoucauld, Vauvenargues, Montaigne, que a mãe lhe pôs nas mãos. A frequentação dos moralistas franceses desembocaria, naturalmente, nas vinhetas recamadas por Saint-Simon no painel da corte do Rei Sol, autor em que se louvaria Proust ao traçar seus personagens imaginários. Esta arte dos salões, com seu cultivo do *esprit*, assinala a criação, tanto oral quanto escrita, do retrato, da máxima, dos aforismos, dos epigramas, das memórias – que no fundo não deixam de ser autorretrato –, do romance psicológico. Como expansão dos protocolos do colóquio, convêm aos dons de um conversador esmerado, que, com seu raro poder de penetração de identidades, pode ir até à personificação.

Entretanto, saem da pena de um leitor de Shakespeare, habituado aos “estudos de caráter” constantes de seus poderosos afrescos (“*I come to bury Caesar, not to praise him*”). Graças à força destes perfis, é lícito indagar se as pessoas se metamorfoseiam, tornando-se exemplares.

Aparecendo em formas menores como prefácio de livros alheios, arguição de tese, artigo, resenha, saudação protocolar, cerimônia fúnebre, despedida, discurso, são de vária natureza.

Alguns poucos foram expandidos para um estudo propriamente baseado em pesquisa. É o caso do voluntário da pátria, de Teresina, do funcionário da monarquia e do barão que deu com os costados em Poços de Caldas. E importa pouco que o autor não tenha conhecido nem o voluntário nem o funcionário, todos recebem um rigoroso trabalho de reconstituição histórica.

Outros, dada sua envergadura no panorama do pensamento brasileiro e à obra da maior relevância, além da reminiscência da personalidade ganham também estudo em moldes universitários; e em geral mais de um. A eles nosso autor

voltaria várias vezes, como se cada escrito gerasse uma insatisfação. Entre os privilegiados, afora Mário de Andrade, Roger Bastide e Oswald de Andrade, estão Sérgio Buarque de Holanda e Florestan Fernandes, cuja carreira e trabalhos Antonio Candido viu-se desenrolar, próximos e simultâneos aos seus.

A ambos, homens de ação política e de posições radicais, retornaria vezes sem conta. Seus escritos reunidos sobre Florestan renderiam um livro inteiro. Sobre Sérgio, organizou um seminário cujos anais resultaram num livro, assim como preparou para publicação o póstumo e inconcluso *Capítulos de literatura colonial*.

Outro grupo é integrado por pessoas de sua admiração, que atuaram no mundo como líderes de realizações em prol dos outros, com desempenho marcante na área da educação e da cultura: Darcy Ribeiro, Fernando de Azevedo, Freitas Valle, Richard Morse, Cruz Costa, Anatol Rosenfeld, Lúcia Miguel Pereira.

Ainda mais um é composto pelos militantes políticos, de que Teresina é modelar embora também pertença à primeira categoria, a do estudo propriamente histórico. São eles Azis Simão, Febus Gicovate, Arnaldo Pedroso d’Horta, Helio Pellegrino, Luiz Roberto Salinas Fortes.

Dedicou vários à turma da revista *Clima*, que o acompanhou a vida inteira desde os tempos de estudante na Faculdade de Filosofia, quando compartilharam a época frutífera das definições profissionais e escolha de carreira. O que se fez, como é sabido, através da distribuição de tarefas na revista. Destacam-se entre eles os perfis do crítico de cinema Paulo Emilio Salles Gomes, do crítico de teatro Décio de Almeida Prado, do antropólogo e erudito Ruy Coelho.

Afora Florestan, Sérgio, Mário, Bastide e Oswald, porém em craveira diferente, surgem outros grandes intelectuais que se destacaram especialmente pela obra. Alguns, seus amigos próximos, a quem o ligavam, além da admiração, também as posições políticas, como Caio Prado Jr. e Otto Maria Carpeaux; outros, mais distantes e com pouca afinidade, mas cuja obra adquire dimensão invulgar, como Gilberto Freyre.

Entretanto, são similarmente contempladas figuras menos bafejadas pelos holofotes, cujos rastros no panorama mundano, de curto alcance, se esgarçam com rapidez; mediante estes perfis, obtêm uma posteridade ampliada. Entre eles, Italo Bettarello, J.A. Leite Moraes, Luis Martins, Gioconda Mussolini, Pio Lourenço Corrêa.

É de notar que, crítico literário por profissão, raramente dedique um perfil a poeta ou romancista, o que faz pensar que provavelmente nos estudos “sérios” se esgotava seu interesse. Afora Mário e Oswald, três exceções perfazem uma graduação. Num extremo, Ungaretti, poeta erudito e professor na Universidade. No meio, Vinicius de Moraes, cindido entre a alta poesia e a música popular. No outro extremo, João Antonio, a quem consagra um prefácio que, situando-se aquém de um perfil, delineia sobretudo a originalidade da escrita, proveniente da imersão na “noite enxovalhada”, com vivência pessoal dela e dos seres que a habitam.

Os perfis constituem balizas no tempo, padrões de referência que Antonio Candido vai fincando a seu redor. Nota-se neles o esforço para fazer o balanço de

um caráter, de um temperamento, de uma contribuição, apanhando, talvez mais que a pessoa na História, a História na pessoa.

Ao apreender assim a tensão, o conflito, a contradição, tendência predominante nas análises, nas mais apuradas nosso autor chega à definição de um oxímoro central.

A Arnaldo Pedroso d’Horta cabe o de “solitário gregário”, fartamente demonstrado no texto que o contemplou.

A Fernando de Azevedo, o de “oportunista desinteressado”: não perdia oportunidade e fazia qualquer aliança política para realizar seus projetos públicos – mas nunca para si mesmo.

A Ruy Coelho, o de “dispersão concentrada”.

À Gioconda Mussolini, por extenso, o do contraste entre a “inteligência crispada” e a “serenidade de texto”.

Na elaboração desse oxímoro central, define-se o mais recôndito e autêntico da pessoa, por assim dizer seu cerne, sua *mola*, o que a faz mover-se; mas também aquilo que a redime para além das aparências. Estas, as aparências, ficam num dos membros do oxímoro, invariavelmente pejorativo e superficial. A doxa, ou a opinião corrente, rezava que Arnaldo era um solitário, o Dr. Fernando um oportunista, Ruy Coelho um disperso, Gioconda Mussolini alguém dado à elucubração. O perfil desmente a doxa (“*But Brutus says he was ambitious, and Brutus is an honourable man*”).

Como a conduta ética e intelectual de Antonio Candido proíbe o panegírico, estes retratos, ao valorizarem o que há de positivo nas personalidades, enfatizam a contribuição de cada um para o mundo, por mais humilde que seja.

A preferência pela síntese contida no oxímoro pode ter alguma coisa a ver com “os crespos do homem”, o “homem dos avessos”, de que tanto cuidou em sua crítica ensaística; e que, embora tematizada em *Tese e antítese*, se espalha por toda a obra. Em outros termos, Antonio Candido definiu-a como a dialética entre a ordem e a desordem. Isso é demonstrado por sua atenção às forças que se desavêm dentro de nós, e que só uma figura antitética extremada como o oxímoro poderia expressar com o máximo de fidelidade.

Uma reflexão que pode ser proveitosa para este tema se encontra em “Crítica e memória”, de *O albatroz e o chinês*. Forçando um pouco o que diz da memória afetiva dos livros preferidos e do itinerário tortuoso que palmilhamos com eles, podemos adaptá-la para os amigos ou para pessoas mais distantes que nos impressionaram.

Em *Brigada ligeira* já há o esboço de um perfil, o de Oswald, embora camuflado pela análise crítica meticulosa. Na *Formação da literatura brasileira*, se bem atentarmos, pululam os embriões de perfis. No livro contemporâneo deste, *O observador literário*, há outros mais: de Teresina – que depois ganharia volume independente –, de Mário, de Ungaretti, do tenentinho voluntário da Pátria, mais tarde acrescidos do de Vinicius em reedição. E mais um de Oswald.

Na primeira edição de *Vários escritos* o perfil está ausente, mas na mais recente, a quarta, há dois, os de Sérgio Buarque de Holanda e Paulo Emílio.

Escritos dispersos, encontram-se concentrados em *Recortes*, onde encontramos a evocação de Fernando de Azevedo, Gilberto Freyre, Otto Maria Carpeaux, Cruz Costa, Betarello, Luis Martins, Caio Prado Jr., Febus Gikovate, Azis Simão, Arnaldo, Ruy Coelho, Hélio Pellegrino, Salinas, o barão, Roger Bastide, Anatol Rosenfeld. Textos curtos, encontram seu lugar neste volume só de textos curtos, embora, conforme a data de publicação, distribuam-se por várias décadas.

E ainda restaram alguns para o mais recente, *O albatroz e o chinês*, que conta com a presença de Pio Lourenço Corrêa, Lúcia Miguel Pereira, “*Young Mr. Morse*”, João Antonio, Darcy Ribeiro.

A primeira vez que o “perfil” me chamou a atenção foi em meu doutoramento. Antonio Candido, no que então não pareceu muito a propósito, entregou-se a uma breve avaliação do há pouco falecido crítico literário Álvaro Lins, não mencionado na tese. Tempos depois, ao atuarmos juntos numa mesa-redonda na Fundação Getúlio Vargas, novamente pouco a propósito, já que extrapolava de nosso tema, Antonio Candido disse algumas palavras sobre Paulo Emílio. O único nexos que ligava as duas intervenções era o recente desaparecimento de ambos. A partir daí passei a ficar alerta, e fui percebendo que, fosse qual fosse o escopo ou o ensejo, Antonio Candido prestava sem mais alarde a discreta homenagem de um elogio fúnebre ao recém-desaparecido.

Plutarco dizia que começara a escrever as *Vidas* para edificação alheia, mas fora aos poucos percebendo que, com isso, sua casa se povoara de pessoas modestas, com quem passaria a conviver a cavaleiro dos séculos.